

Ano I — N.º 51

25 Julho 1931

Preço 1 Esc.

reporter

Semanário das grandes repor tagens

*Sequestro de
Greta Garbo*





Artigos e Aparelhos Fotográficos

TRABALHOS EM
TODOS OS GÉ-
NEROS PARA
AMADORES

O MAIS BEM MONTADO LABORATÓRIO DO PAÍS
A MAIOR COLEÇÃO DE ÁLBUNS ARTÍSTICOS

Vendedores para Portugal de duas grandes marcas:

"PERUTZ" (películas)

Rolos 6,5x9. . . . 6\$50

"ILLINGWORTH'S" (papeis de luxo)

Os melhores preços do mercado

ROIZ, L. DA

82, Rua Nova do Almada, 84—LISBOA

Telefone 2 4674

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e Amé-
rica do Norte

Agente no Norte da

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60—Tel. 762—Porto

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

MUDANÇAS

Rua dos Correios, 28

Responsabilidade por todos os danos causados. Pessoal da máxima confiança e competência. Orçamentos grátis.

Tel. 2 1249



Empresa TRANSPORTES BRAGA

Deite fóra todas essas águas, gotas, zeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

Komol

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa e sem auxilio de ninguém, restituir a cor natural aos cabelos em 15 minutos. E eles ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositiário—FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—Telefone 2 1415—Agente no Porto—A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

Quereis ter a vossa casa bem guardada?



Adquiri uma arma portátil na casa

A. M. SILVA

Distolas e revólveres de cal. 6,35 de várias marcas e modelos. Munições para as mesmas, Belgas e Alemãs.

Novo modelo Revólver Smith & Wesson tipo pequeno

ESTABELECIMENTOS DE: Correaria, Espingardaria e Cordoaria RUA DA BETESGA, 43 e 87—RUA DOS CORREIROS, 235 a 239 OFICINA: RUA DA BETESGA, 43, 2.º—LISBOA

A. M. SILVA

Telefone 2 5424

Sucessor de João Luiz Fernandes

Representante em Portugal das famadas espingardas VICTOR SARASQUETA - Vendas por grosso e a retalho - Importação directa

HOMENS E FACTOS DO DIA

DIZEM — e já é um lugar-comum — que Portugal é um país essencialmente pobre, em todos os campos e através de todos os aspectos. É contudo o Destino tem sido um amante bajoujo, em todos os tempos, para nós, portugueses, oferecendo-nos, de mão beijada, as variáveis de condição que tudo podem. A verdadeira pobreza nacional é o nosso fatalismo, não esse fatalismo árabe do «estava escrito», e que é neurastenia e desinteresse pela vida, mas gémeo ao fatalismo turco, que simboliza mandriice, relaxamento, um «não te rales» atávico e geral. Que somos um país pobre em todos os aspectos! O jornalismo não abre excepção a essa mentira. Quando certos camaradas ouvem os leitores lamentarem a água chalada e sensaborona das suas gazetas, encolhem os ombros, alçam os olhos e murmuram: «Que havemos nós de fazer? Não há assunto! Em Portugal não se passa coisa alguma! Nem sequer um crimezinho com goito; nem um escândalo apimentado! Somos pobres em tudo!» É falso! Assunto não falta. A esses que assim falam, o que lhes falta é amor ao trabalho! A nós... é espaço!

SE o Reporter X dispusesse das páginas dos grandes diários, enchê-las-ia! É uma dor de alma assistir, todas as semanas, ao vandalismo de lançarmos para a vala comum dos céstos dos papéis os assuntos que transbordam das fronteiras da nossa paginação. Ajuda há poucos minutos tivemos de inutilizar uma notícia que o telefone nos forneceu à última hora... e que já não cabia. Não fugimos, porém, à tentação de a segredar, em síntese... Ei-la...

EM certa vila do litoral, não muito afastada de Lisboa, uns barqueiros foram atraído pelos sinais que lhes faziam de bordo de um «yacht». Acercaram-se e um estrangeiro propôs-lhes, na sua algarviada, a quantia de mil escudos para o levarem para terra. Atontados, na incerteza de terem ouvido bem a cifra prometida, responderam afirmativamente. O estrangeiro deu umas ordens; desceram aos botes duas ou três malas pequenas; abraçou o comandante, e, uma vez desembarcado, cumpriu religiosamente a sua promessa, mas com a seguinte diferença: é que pagou mil escudos a cada um dos barqueiros, que eram cinco, quando estes já estavam radiantes com a esperança de que o conto fôsse para dividir por todos. Uma vez em terra, este estrangeiro pasma os habitantes com os seus esbanjamentos contínuos. Paga as caixas de fósforos a cinco escudos, as suas esmolmas nunca são inferiores a uma nota de 10 escudos, as suas gorjetas são de 100, 300 e 500 escudos. Fala em comprar uma propriedade dos arredores, dá um sinal, e, no regresso — era noite quasi —, um cego andrajoso, desconhecido na vila, aproxima-se dele, lamuriando a sua miséria. Há quem afirme que o cego, em vez de receber a esmola, lhe entregou uma carta. De facto, o estrangeiro entra no hotel a ler um papel, empalidece, fecha-se no seu quarto sem jantar, e, na manhã seguinte, os creados não o encontram e ninguém deu fé da sua partida. Dois dias depois, o mar atira à praia o cadáver do mendigo cego...

E digam que não há assunto!

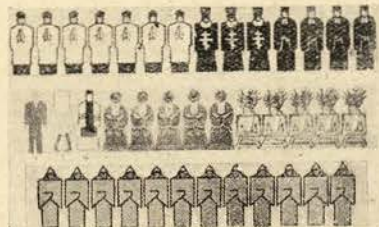
NÓS bem sabemos que mais vale estarmos calados, porque, calados, não dizemos certas verdades, e estas só nos têm dado desgostos... Mas não podemos. Fômos ver uma revista muito reclamada pelos críticos. É uma revista como qual-

ESTATÍSTICAS SENSACIONAIS

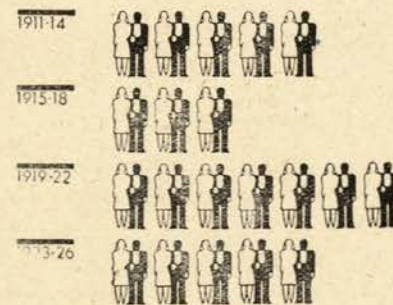
A estatística é a fórmula mais luminosa de elucidar sobre qualquer assunto. Mas a estatística gráfica é muito mais clara, eloquente e fácil. Eis algumas das estatísticas gráficas que o Instituto Italiano acaba de publicar e que são verdadeiramente sensacionais.



1.º As raças — A raça branca, a malaia (incluindo os índios americanos), a negra, a india asiática e a chinesa, correspondendo a altura de cada indivíduo à sua proporção numérica.



2.º As religiões — Os católicos, os protestantes, os cristãos ortodoxos, os budhistas, os muhometanos e os adeptos de várias religiões, segundo a sua expansão na Humanidade.



3.º A constituição da família — A percentagem de casamentos na Europa, nos últimos anos.

quer outra, e não merecia comentários se não fôsem certas crueldades que nela se exibem. Com que direito os autores da obra lançam a gargalhada das plateias, através de trocadilhos de almanaque, o nome de um homem que foi leviano, sem dúvida, mas que está já pagando o que fez, e que só deve merecer o silêncio piedoso, pelo menos, da sociedade? Mas o que mais nos surpreende e indigna é que nessa «charge» colabore uma artista que, por ter participado duma empresa que êle financiou larga e generosamente, e, por... muitas outras razões, devia ser a primeira a protestar contra essa crueldade...

MAU! Outra... Cada um em sua casa pode fazer o que lhe apeteça — nem nós ousamos dar lições aos nossos maiores. Mas, realmente, aflige-nos o facto de que, num país onde a imprensa está limitada a um reduzido número de jornais de grande expansão e de larga receita, e onde tantos valores positivos são asfixiados por uma burocracia profissional que não os deixa brilhar (quando não vegetam nos horrores do desemprego), as «vitruines» de melhor exhibição e os prémios das reportagens internacionais sejam dados precisamente aos amadores, aos que desprezam o jornalismo, aos que são a negação do jornalismo moderno. Entendamo-nos: não nos referimos aos profissionais, muito

(Continua na pag. 15)

reporter

semanário de maior
tiragem e expansão
em Portugal

Grande reportagem e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Chefe da Redacção

MARIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade

ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE: 2 5444 — LISBOA

End. Telegr.: REPORTERX — LISBOA

Delegação no Porto

R. DA FÁBRICA, 11, 2.º — TELEFONE: 4353

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Bertrand (Irmãos), Ltd.ª,

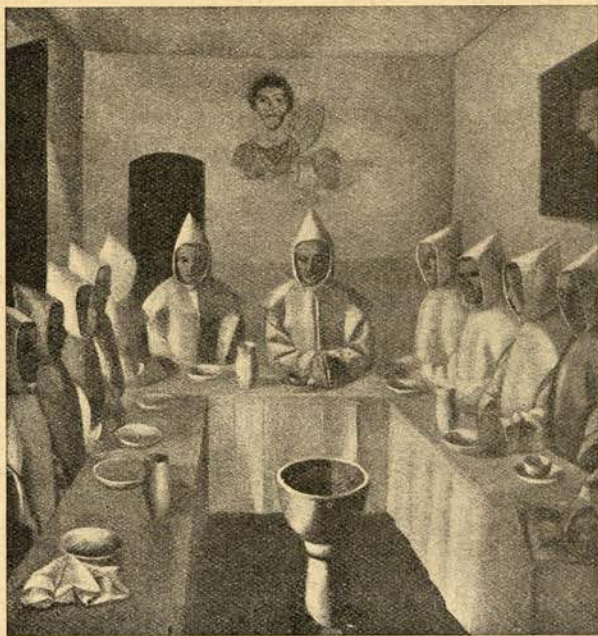
Travessa da Condessa do Rio, 27 — LISBOA

TABELA DE PREÇOS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 " " " " " " — Esc. 22\$50
12 " " " " " " — Esc. 44\$50

Para os colónias e estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado



...Onze eram os frades que vieram instalar-se, no século XVIII, em Vermoim...

FAMALICÃO, 18.—Cheguei há pouco, num «taxi» que tomara à saída de S. Bento, no Porto. Graças a vários ilusionismos, aliás não inéditos, a minha chegada e estadia passaram despercebidas. Registei-me no hotel sob a personalidade de Mr. R..., sem outra ocupação do que a de turista. Ao lançar-me neste assunto, cauteloso, prudente e aparentando o máximo desinteresse, fui burrifado pela surpresa de que a virgindade do mistério que me trouxera a esta terra camiliana era tão suspeita como a de certas damas que exibem flor de laranjeira após a maternidade. Assim, por exemplo, uma gazeta minhota publicava no dia 15 a seguinte notícia do seu «solicito correspondente» em Famalicao:

«VIAJANTES ILUSTRES

Encontram-se nesta cidade, desde sexta-feira passada, dois ilustres estrangeiros, os srs. Alexandre Verdaquer e Emil Absalon, universalmente conhecidos (?) pelas suas explorações (?) em vários países. Instalaram-se no Hotel C... mas têm passado quasi todo o tempo em Vermoim dedicando-se a estudos, muito interessantes, sobre a região (?). Que sejam bemvidos os ilustres visitantes.»

Os pontos de interrogação são nossos. Esta gazeta, que vem comprometer o inéditismo deste assunto, alertou-me, obrigando-me a precipitar a investigação. Eis como a bisbilhotice infalível de um creador de hotel a rematou, quasi ao ouvido: «...Os dois forasteiros passaram, de facto, algumas noites em Vermoim. A prova está em que Fulanito (o nome de um guardador de gado de gado assalariado por um lavrador dos arredores) os viu uma madrugada, em que não pernottaram no hotel, de lanterna nas unhas, para trás e para diante, a fazerem não sei o quê. Mas coisa boa não seria, porque apagaram a lanterna e *esgueiraram-se* quando Fulanito se aproximou. O mais interessante é que uns dias depois deles cá estarem, o sr. T... (o nome de um dos maiores proprietários cá da

terra) e os seus filhos, que são três rapagões, foram apanhá-los com a *bóca na botija*; travaram-se de razões, e eles vieram corridos para Famalicao, de onde partiram logo na manhã seguinte. O que sobretudo pasmou esta gente foi o facto de que, quando os cavalheiros aqui chegaram, telefonaram para casa do sr. T..., que imediatamente mandou ao hotel o filho mais velho visitá-los. Ao que consta, os filhos do sr. T... conheceram esses estrangeiros na Suíça, onde andam a estudar. Porque razão depois se zangaram? É o que ninguém sabe!»

Ora bem... Na véspera de eu partir de Lisboa, com missão determinada para o Porto, recebera de Guimarães a seguinte carta: «Sr. Redactor: Como leitor e admirador do seu tão popular semanário, ando, há muito tempo, com vontade de colaborar com V. oferecendo-lhe qualquer pretexto para novas e sensacionais reportagens. Porque não vem V. até ao Norte e não pergunta pelo que se passa em redor do tesouro de Vermoim? Para isso, basta dar-se ao incómodo de sair em Famalicao e tomar informações a respeito da familia T.... Creia que obtinha desta forma essência para uma impressionante e misteriosa crónica. De V., etc.: *Um leitor assíduo do Reporter X.*»

Estamos demasiados experimentados e habituados a estas denúncias para nos deixarmos guiar cegamente por elas — sobretudo quando se trate de nos deslocarmos. Mas caprichou o Destino que estivesse antecipadamente resolvida a nossa viagem ao Porto — e, como o Porto não fica mui distanciado de Famalicao, aproveitámos o tempo para pular para este palco de tantos romances de Camilo. E foi por pensar em Camilo Castelo Branco que fomos picados pela reminiscência de uma citação a Vermoim. A certeza de que não nos equivocávamos — emocionou-nos... Mas onde e quando e a que propósito Camilo falará de Vermoim? Não é empresa fácil pinçar uma agulha no riquíssimo palheiro literário dos 200 volumes de Camilo. Quando fomos a desistir, depois de vasculharmos a estante, de derrubarmos a fileira vermelha da nossa colecção camiliana e de queimar os olhos em muitas horas de pesquisas — eis que nos palpita um nome: «Vinte Horas em

Segredos de Portugal

O Tesouro de Vermoim

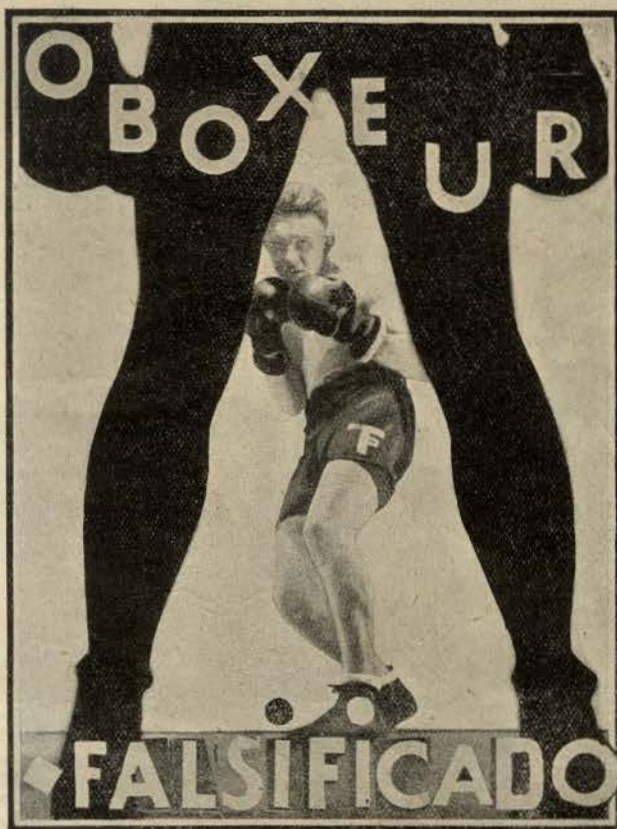
Liteira.» Folheámos este volume de reportagens — porque são reportagens, e admiráveis — e lá estava a evocação de Vermoim...

Numa dessas reportagens, António Joaquim, companheiro de viagem do autor, conta o seguinte episódio: Caíra um dia nas mãos de um padre de Barroso certo livro atribuído a S. Cipriano, onde vinha a história de um tesouro oculto em Vermoim. Vermoim, segundo a própria descrição de Camilo, é «um altíssimo acervo de fragas, sobranceiro à freguesia daquele nome, uma légua distante de Famalicao, à esquerda da estrada de Guimarães.» Afirmava S. Cipriano que muito tempo antes da formação da nacionalidade vivia ali, num castelo que edificára, certo príncipe da mourama, acumulando tesouros e furtava aos cristãos. Ora este príncipe infiel, assaltado pelos lusitanos, sob o comando do rei Vampa, fugira, ocultando esses tesouros. O rei vencedor entregara o castelo a D. Vermim Forjaz, fidalgo de raça visigoda, que o transmitiu aos seus descendentes. Rolaram anos, e no reinado de D. Sancho I, dois mouros, descendentes do príncipe fugido, disfarçaram-se em peregrinos e entraram em Portugal à busca da herança, cujo segredo julgavam conhecer. Com tais artes agiram que convenceram os Pereiras, descendentes de Forjaz, a hospedarem-nos no seu palácio. Uma noite, aproveitando a confiança que inspiravam, foram ao castelo e manobram certos alçapões de pedra onde os tesouros deviam estar guardados. Mas devido às pressas, a más interpretações, ou fôsse ao que fôsse, a manobra foi mal executada e, em vez de lhes surgir o ouro cubiçado, produziu-se uma explosão que desfez em cinzas o castelo... e os dois falsos peregrinos, Ora António Joaquim, conta Camilo, tinha um tio beato que vivia sob a obsecção de conquistar uma fortuna para fundar um convento de frades franciscanos. O padre de Barroso, leitor de S. Cipriano, convenceu-o da existência desses tesouros e levou-o a associarem-se, capitalizando o tio de António Joaquim a empresa. Lá partiram os dois para Vermoim — e, após longas e duras escavações, apenas toparam com umas pedras de cór e feitiço estranhos. Tão sugestivos estavam que viram logo uma amalgama de ouro e terra; mas, para não haver dúvidas, levaram algumas, com grande segredo, ao exame de um perito — certo ourives do Porto. O perito a custo conteve o riso e tais coisas disse que os dois descobridores voltaram à escavação das ruínas, absolutamente seguros de que tinham encontrado as riquezas do príncipe mouro. Quando encheram de cascalho os primeiros sacos, partiram para Madrid, projectando,

(Continua na página 12)

S EMPRE que evoco a minha última estadia em Londres, é infalível a citação do nome desse romântico do patriotismo que é o meu amigo montenegrino Ciubranovitch. Camarada inseparável de todas as horas e conhecendo o meu capricho em variar o mais possível de comida e de ambientes, lembrou-se, naquela noite, de me ciceronar a um restaurante turco de New-Old Street. Tínhamos percorrido vários restaurantes chineses, desde os que abundam, sórdidos e tresandando a fartuns de gordura, na entrada de Whitechapel, até aos que se estilizam, aristocráticamente, nos arredores de Regent Street; restaurantes hindus, iluminados por lâmpadas de côres misteriosas e servidos por creados de turbante, brincos nas orelhas e olhos de «fakir»; restaurantes russos, como o «Troika», onde um antigo creado enriquece e um antigo príncipe esfrega pratos; restaurantes japoneses, judaicos, marroquinos, sem falar nos europeus, como o «Martínez», espanhol, e o «Bambino», italiano... Precisamente na véspera, havíamos jantado no «Bambino», «rendez-vous» de artistas e realizadores cinematográficos e de dactilógrafas sonhando com a glória de Mary Pickford... No vestibulo, o proprietário, «si-gnor» Carlotti, com o ar, o ventre bojudo e o «smocking» de um tenor de ópera reformado, oferecia uma rosa a todas as damas que entravam. Acompanhavam-me, além de Ciubranovitch, o sr. Altino, representante em Londres da «Pittaluga», de Roma. Pela altura do infalível «esparguetti» com almondegas piemontesas, bem regado com o divino «Ghianti», notei um brusco silêncio no sussurro do restaurante, e um ritmo no movimento das cabeças... Todos os olhares se dirigiam para um nicho do fundo da sala, invadido por um grupo de moços bem trajados, que cercavam, em atitude religiosa, um gigantesco Apolo de rosto risonho e luminoso. Os creados sirandavam, afanados, à volta do grupo, requebrando-se em salamaleques e exibindo certo orgulho por servirem aquele cavaleiro, alvo de todas as atenções. E não me era desconhecido. Já o vira! Onde? Quando? Não podia lembrar-me. O mesmo sucedia aos meus companheiros. Interrogámos o «maitre»: — «Não sabem!? É Tassino, a maior glória da Itália, o «boxeur» invencível e belo, ídolo das mulheres e orgulho dos italianos! Tassino, futuro campeão mundial!»

Ah! Bom! Agora compreendia a minha própria reminiscência! O seu rosto exhibia-se no estendal litográfico dos cartazes, em todas as ruas de Londres, anunciando um «match» sensacional para dentro de 48 horas. E o meu amigo sr. Altino acrescentou: «Os empresários do «sport» estão-no aduherando, apoucando, tornando-o não numa religião de aperfeiçoamento físico e moral mas sim num negócio de fenómeno, ou, o que é pior, num jogo, como o das corridas ou da rolêta. Tassino é, de facto, um «boxeur» puro, sincero, verdadeiro, e daí a sua fama e esse interesse em que



Londres palpita... Mas quem é o seu antagonista? Não se sabe... Os negociantes do «sport» estiveram, durante meses, a tecer um reclamo fantástico em redor doutro «boxeur», um balcânico, sérvio ou búlgaro, alguém cujas proezas... só constam nos artigos pagos à linha pelo seu «manager». E o público, que neles acredita, está certo de que vai assistir a um «match» emocionante e sincero. Por parte de Tassino, sê-lo-ia... Pela do outro, duvido. E há um prémio de 2.000 libras para o vencedor. Ou muito me engano, ou este «match» ainda dá que falar.»

Quando Altino terminou o seu desabafo, aliás criterioso e verdadeiro, observei de esguelha o «boxeur» italiano. Os seus admiradores comiam e bebiam alegremente à sua volta. Ele... sorria, provava uns «hors-d'œuvre»... e bebericava chá!

No dia seguinte a este jantar no «Bambino», Ciubranovitch levou-me ao restaurante turco, no extremo de New-Old Street, próximo ao largo chamado dos «adélos», onde Conan Doyle localizou a acção de tantas proezas de Sherlock-Holmes! É uma casinha modesta, muito limpa e pitoresca. O dono é de Constantinopla, baixo, de olhos bugalhudos e negros, sempre a girarem nas órbitas como bolas pintadas a «Ripolin» num fundo de papel «couché». A esposa é bela, duma beleza quarentona do estilo sevilhano, mas as suas expressões ante o público deixam adivinhar que não está ainda habituada à liberdade do véu muçulmano. Os turcos, como os portugueses, comem bem, e os seus petiscos são fortes, picantes... Abusam dos recheios e dos molhos, que são, confesso, os mais saborosos que expe-

rimentei em Londres, à parte a alquimia única do cozinheiro do «Royal Palace», de Kensington... O restaurante turco é o cóio de todos os membros das colónias balcânicas, desde o montenegrino, como Ciubranovitch, até ao sérvio, seu inimigo mortal; até ao grego, seu sedutor; até ao búlgaro, seu mártir... Quem entre desprevenido tem a impressão de que todos os comensais pertencem à mesma raça; mas, por muito mau observador que seja, nota logo que cada mesa é um Estado, cada conversa uma língua; cada olhar uma declaração de guerra, e o conjunto... o conjunto é o mapa da península balcânica...

Como sucedera na véspera, no «Bambino», fui surpreendido por uma concentração de curiosidades e de gentilezas. Havia uma mesa ocupada por um gigante, cercado de amigos sérvios mais do que atentos. Mas que diferença entre esse gigante e o do «Bambino»; entre este grupo e o grupo do restaurante italiano! O iman das atenções era uma espécie de gendarme de um país de Calígulas. Os outros, gente suspeita, olhares relanceados, atitudes estigmatizantes. E, aqui, o gigante bebia e comia mais do que os convidados.

— Quem é? — quis saber Ciubranovitch. — É o grande «boxeur» búlgaro Ybrannoff, o que vai bater-se com o campeão italiano. Está a beber! Faz mal! Prejudica-o...

Desejei, naquele instante, que ele perdesse, por antipatia. Mas... o que é a vida? Ganhou... Derrotou Tassino e recebeu as 2.000 libras!

Estes dois jantares datam de Novembro de 1930 — ano passado. Leiam o *Neus Red*, órgão dos escândalos sportivos, que se publica em Londres. É atacado, como todos os que descobrem verdades, como todos os que não têm a covardia de calar a sua indignação, como todos os que não temem as vinganças! É preciso fazer justiça ao inimigo. Ele pode ser um «croquette» de lama, mas pode também não ser parvo... E como não é parco, descobriu uma fórmula de defesa, que, às vezes, dá bom resultado. O Z..., envenenador do povo em chouriços feitos com cadáveres de cães, é descoberto por um jornalista que se revolta contra esse crime, pior do que o crime do assassino que mata, pelo ódio ou pela cólera, uma só pessoa! E logo Z..., como única defesa, solta um vocábulo: «chantage!» E o vocábulo rabia como se tivesse pólvora. E se o jornalista não defende o leitor, por quem ele se sacrificou, o defendido é capaz de supor que é verdade. Mas como eu tive um dia a curiosidade de somar as quantias que diziam que os maiores jornalistas portugueses tinham recebidos pelas suas campanhas — segundo os boatos: Adelino Mendes: 300 contos pelos artigos contra A.; 100 pelos artigos

(Continua na pag. 12)

ROMANCES DO PALACIO DE



Uma oleografia espanhola reproduzindo o célebre discurso do general Torillas — o marido de Mercedes Torillas —, pelo qual ele esteve exilado no Porto.

O poeta Leon Margny e a viúva do general Torillas — A traição de Mercedes Torillas — A desaparecida — A enxada que muda de poiso — O mistério e o esqueleto — Henriqueta, a mulher extravagante — A seita monstruosa — O cadáver destroncado — O rei dos ilusionistas — Um fuzilamento... Quasi a sério — O "truc" dos biombos — A escamoteação... galante.

Os portuenses exteriorizaram sempre uma legítima prosápia pelo Palácio de Cristal. O palácio, ou seja o casarão em si, com o seu «hall» espaçoso como um transatlântico e muralhado de vidros coloridos como um aquário, os seus terraços, os seus recantos, as suas salas, recordando vagamente o Palácio de Cristal de Londres, e, melhor ainda, o «Grun-Brauns», de Leipzig, está para o parque que o cerca como o corpo helénico e sangrante de sensualidade de Maja está para o leque plebeu que exhibe a seu lado. O parque, sim, as suas áreas, os seus refúgios discretos, as suas perspectivas, os seus mirantes, que são camarotes abertos sobre a litografia da cidade, que evoca as construções em cartão de Epinal, a melancolia romântica que parece emparar o seu ambiente, o esbanjamento de tinta dos seus poentes, inverosimilmente azues na primavera, verdes no outono, dourados no verão e violetas no inverno, todo o seu encanto aristocrático e simples, justificam o orgulho dos «tripeiros»...

Protesta-se, nas palestras de «café», a modorra dos seus proprietários sem iniciativa e atrasados meio século, e fuma-se o ópio de mil fantasias, todas viáveis, todas dignas do Palácio de Cristal: a construção de um grande hotel, a inovação de um recinto de mil diversões emocionantes à luz de «Luna Park», de «Magic-City», de «Turó», de Barcelona ou de «New Jorkeley Park», da América; ou a organização constante de festejos onde o povo e a burguesia se unissem democráticamente, na alegria bem

conquistada pelo trabalho... Mas, apesar das lamentações, dos protestos, das fantasias, cada vez o belo parque vive mais solitário, silencioso e desprezado...

Mas nem sempre a ingratidão das gentes o abandonou como agora. Fundado em meados do século XIX, em 1860, pouco mais ou menos, durante mais de quarenta anos os portuenses lhe dedicaram as suas noites e todos os seus dias festivos. Natal, Ano Novo, Santo António, S. João, S. Pedro, a qualquer pretexto do calendário ou simplesmente ao domingo, e até a meio da semana se anunciavam festas esplendorosas, as árvores copadas de balões venezianos, as áreas engrinaldadas de flores, chorangas militares convidando os pobres ao bailado ao ar livre, enquanto no «hall» se davam espectáculos de variedades; e, às primeiras horas da madrugada, os mais sábios artistas do Norte cenografavam no céu, a fogo de todas as cores, verdadeiras apoteoses pirotécnicas... Quantos dramas, romances, folhetins trágicos, idílios e intrigas de amor não se desenrolaram no Palácio de Cristal? Muitos foram sepultados pelos anos na vala comum do esquecimento... Outros andam dispersos pela tradição ou pela memória dos velhos. Reunimos alguns, os que se nos afiguraram mais característicos e emocionantes. Ei-los...

A tragédia da viúva espanhola

EM 1875 esteve no Porto, hospedando-se num hotel da Batalha, um estrangeiro que impressionou os «snobs» da época pela sua elegância requintada, o seu ar de «Antony», a barba loira a ponteaguardar-lhe o rosto magro, os olhos sempre semi-velados, como num eterno extasi, algo de príncipe da Renascença e de personagem de Dumas, filho. Chamava-se Leon de Margny, dizia-se francês e poeta, e explicava a sua vinda a Portugal por um acesso das suas contínuas e melancólicas vagabundagens pelo mundo... Abriram-se-lhe alguns salões, e quando Leon de Margny, depois de lançar algumas das suas modas entre os gentilhomens da cidade (era invenção sua as «gravatas à Margny», que fizeram época no Porto), anunciou a sua breve partida para a Itália, surge uma nova figura, que igualmente apaixonou os portuenses, embora num sentido muito oposto ao do poeta francês. Era uma espanhola que viajava sôzinha com uma creada velha, e que se dizia viúva do general Torillas. A formosura de Mercedes Torillas, afirmam os que a recordam, fascinava, como se dela irradiassem fluidos magnéticos. Corpo escultural, olhos enormes, negros, fechados no halo de umas pestanas inverosímeis, uma boca de boneca e um sorriso de deusa condescendente, todos, ao vê-la e ao darem-lhe, quando muito, vinte e cinco anos de idade,

achavam que o general devia ter morrido envenenado de ciúmes. Trazia algumas cartas de apresentação para as melhores famílias da terra; foi hóspeda, durante umas semanas, do palacete dos esposos Cardoso Ferreira Galvão, que tinham sido íntimos do general Torillas, durante o exílio deste, e, por fim, alugou um prédio próximo à Trindade. Dizia-se que D. Mercedes viera para Portugal por conselho de um médico e que, tendo estado primeiro em Lisboa, fugira para o Porto, para se esquivar à perseguição dos Tenórios que a sua beleza divina havia enlouquecido. Ignoro onde a jovem viúva conheceu Leon Margny, que logo adiou os seus projectos de viagem. Sei, sim, que o seu idílio, iniciado com todo o recato, acabou por escandalizar o Porto camiliano. Passeavam juntos, na mesma carruagem descoberta; e de dia e mesmo de noite eram infalíveis no parque do Palácio, de braço dado e os rostos semi-velados pela miniatural sombrinha de Mercedes, que era como uma rosa feita de rendas... Pouco a pouco, as portas foram-se fechando para a dama espanhola, que, indiferente à opinião da cidade, parecia

viver apenas para aquele amor... No princípio do outono a

acção suave deste romance sofreu uma brusca sacudida. Após uma longa estadia no estrangeiro, regressou à pátria um jovem «dandy», Petrónio da alta burguesia, rico entre os mais ricos, e cujo apelido está ainda hoje ligado a uma das mais famosas marcas de vinho do Porto. Conheceu Mercedes, e a sua influência no coração da jovem viúva foi fulminante. Margny, ao compreender a derrota, afastou-se, nobre e silenciosamente. Mas a



O luso-brasileiro E. M. pai da jovem que Bojerson escamoteou no Palácio de Cristal.

CRISTAL

continuava todas as tardes a passear, sôzinho e pensativo, pelas âleas do Palácio de Cristal. Viam-no, apontavam-no, e lamentavam-no. Mas o Petrónio vincultor era tão volúvel como rico. Depressa se cansou da aventura, partindo de novo para as orgias de Paris. Mercedes fechou-se em casa durante algumas semanas. Por fim, quando já constava que ela vendera a casa da Trindade e se preparava para voltar a Espanha, viram-na reaparecer, passeando na mesma carruagem onde pavoneára os seus amores com Margny e com... o sucessor. Foi então que se deu o drama — se drama houve, como garante a tradição. Na tarde de 5 de Novembro de 1875, Margny divagava pelas âleas mais solitárias do palácio quando se cruzou com Mercedes. Esta, sem hesitações (um guarda assistiu ao encontro), dirigiu-se-lhe, sorrindo, mais «coquette» do que nunca. Ele, pálido como um morto, descobriu-se e beijou-lhe a mão. Tanto bastou para que o braço de Mercedes se enlaçasse no dele, arrastando-o para fóra do alcance do olhar da testemunha que citei. Essa testemunha várias vezes os viu ainda, naquela tarde, e teve a impressão de que as máscaras tinham caído e que ambos discutiam, acalorados. Anotou... Perto das onze da noite, um outro guarda despertou, julgando ter ouvido um grito de terror. Foi acordar um companheiro, deram uma volta pelo parque e nada notaram de anormal. Na manhã seguinte, mal os portões se abriram, viram sair Margny, mais pálido do que o costume. — «Este madrugada hoje» — pensou o porteiro. Pouco depois, uns operários que trabalhavam no parque foram queixar-se de que tinham desaparecido uma enxada e uma pá, que na véspera tinham ficado junto às outras ferramentas, no casebre do mestre de obras. A pá e a enxada foram encontradas, mais tarde, perto de um muro. Na manhã do dia 7, a creada de Mercedes apresentou-se na Polícia, declarando, entre lágrimas, que a «señorita», que saíra na tarde de 5, não tornara a aparecer em casa. Nunca, nem mesmo durante as suas aventuras amorosas, tal fizera. Bateu-se às poucas portas que ainda se abriam à jovem viuva — e nenhuma das suas amigas sabia dela. Comunicado o seu desaparecimento para Espanha, imediatamente apareceu no Porto um irmão de Mercedes, que tentou fazer luz sobre este mistério... Os guardas do Palácio recordaram o encontro a que tinham assistido — mas quando a Polícia procurou Margny, para esclarecimentos, disseram-lhe que o poeta francês partira na noite de 6 sem deixar o novo endereço. O enigma foi discutido, ocupou conversas, desatou inventivas — e por fim agonizou, como todos os «casos do dia»... Dois anos depois, quando poucos o recordavam ainda — recebeu-se a notícia de que Margny se suicidara em Lauzanne.

Teria o poeta assassinado a amante infiel? O grito que reboou no meio da noite de 5 seria lançado pela leviana? Se assim foi — onde ocultou ele o cadáver? A escamoteação da enxada e da pá relaciona-se com esse mistério? Nunca se soube. Contudo é oportuno recordar o seguinte episódio que os leitores comprovarão folheando as colecções de jornais de 1892 a 1894: Numas escavações que se fizeram durante esse período no Palácio de Cristal, foi encontrado pelos operários um esqueleto humano

que os legistas afirmaram ter pertencido a uma mulher de 25 a 35 anos. Esse esqueleto estava enterrado a pouco mais de meio metro de profundidade...

Seria esse esqueleto o de Mercedes Torrillas?

A cabeça da morta

Henriqueta é um nome que vive ainda na memória de todos os portugueses — mas que os lisboetas e os leitores do resto do país desconhecem. Gervásio Lobato, mascarando-a com um falso nome, apresenta-a num dos seus romances da escola de Montepin. Mas por muito paradoxal e estranha que seja essa figura de mulher — ela existiu, ela foi célebre, encheu de pasmo e de escândalos a cidade burguesa — e dorme o seu derradeiro sono no coval 8.975 do Prado do Repouso. E como quasi todos os grandes romances portuenses — este está também ligado ao Palácio de Cristal...

Em meados de 1870, organizaram-se, não sei já a que pretexto, grandes festejos no Palácio. O parque encheu-se de uma multidão pacífica, alegre e feliz, que ondulava num passeio tranqüilo, ora embasbacada para as maravilhas do fogo de vista, ora embalada pela harmonia da música das charangas. Aquela paz burguezissima foi interrompida pelo alarido de um grupo onde duas senhoras esbracjavam com ataques de nervos e dois homens berravam indignados... Aquela família, pertencente a um actor muito popular no Porto, viera pacatamente aos festejos do Palácio, sobretudo com o objectivo de divertirem a filha — uma mocinha de 16 anos, que era citada como uma das mais belas e honestas do seu bairro. A certa altura da noite deram pela falta da pequena; procuraram-na durante muito tempo — e acabaram por encontrá-la desmaiada, amarrada, amordaçada, caída por terra num recanto muito sombrio e afastado das âleas centrais. Quando ela recuperou os sentidos descreveu, entre lágrimas, a cilada de que fôra vítima. Seguia a família naquele vau-ven quando sentiu que lhe tocavam num braço. Era uma dama com quem já por várias vezes falára, na igreja, à hora da missa, e nas raras saídas que fazia sôzinha — e que lhe demonstrára sempre grande simpatia, procurando ganhar-lhe confiança. — «Quero apresentá-la a minha filha — disse-lhe a dama. — Venha comigo.» — «Não posso! — Tenho que prevenir primeiro os meus.» — «É só um minuto! — teimou a dama, dando-lhe o braço e arrastando-a; e mal se destacaram uns metros das âleas centrais, a jovem sentiu-se presa e asfixiada por um lenço que lhe tinham colocado sobre os lábios e que exalava um cheiro estonteador. O que se passou depois... fácil é de adivinhar.

Esta cilada fez estremecer o Porto burguês e pacífico — porque aquela jovem não era a primeira que, nos últimos meses, sofria igual violência. Constava até que se havia organizado uma sociedade secreta, formada por velhos endinheirados e sem escrúpulos, e cujo único objectivo era enxovalhar para sempre, irremediavelmente, as pequenas mais honestas e formosas do burgo. Dizia-se também — e os factos confirmavam-no — que essa sociedade tinha assalariado uma megêra, que possuía ines-



Amélia Fernandes Gouveia, que organizou o célebre protesto contra as imortalidades públicas de Henriqueta.

gotáveis e irresistíveis recursos para caçar as pobres ovelhas destinadas à gula repugnante dos monstros. Eram muitos os raptos violentos dos últimos tempos, disse-mos, mas nenhum produziu tão ruído como este do Palácio de Cristal. A Polícia em vão tentou descobrir o segredo da seita — mas pouco depois as suspeitas caíam sobre Henriqueta. Henriqueta tivera uma mocidade misteriosa. Falava-se que fôra também vítima de uma infâmia, muito novinha ainda — infâmia essa que a desviára para sempre de toda a ventura. Daí o seu ódio a parte da Humanidade e as suas loucuras. Escandalizava o Porto — o Porto de 1870 — com as suas extravagâncias, das quais a mais inocente era passear a cavalo, bifurcada na sela e trajando roupas masculinas. Ao vêr-se nas malhas da Polícia, defendeu-se com tal eloquência que não puderam sequer prendê-la. Mas pouco tempo depois era novamente alvo de perseguições policiais — por outro motivo. A única amizade forte e sincera de Henriqueta era a de uma rapariga que compartilhava o seu lar e que ela acarinhava com a ternura de uma mãe ou de uma filha... Essa amiga morreu tuberculosa em 1872, e Henriqueta, tão cruel, tão altiva, tão desdenhosa, caiu no mais feminino dos abatimentos, chorando em público, desmaiando, incapaz já de prosápias ou de bravatas. Uma manhã, um dos coveiros do Repouso notou que tinham violado uma sepultura. Feito o exame — descobriu-se este facto horrível e inexplicável: o violador da cova havia destroncado o cadáver, arrancando a cabeça à morta. O primeiro cuidado da Polícia foi saber a quem pertencia aquele corpo. Não foi difícil descobri-lo: era o corpo da amiga de Henriqueta, recentemente falecida. Assaltaram a casa da misteriosa mulher — e ao revistarem-lhe o quarto a sua atenção foi atraída para uma enorme ampôla de cristal que estava sobre a cómoda e coberta por um lenço de seda. Levantaram o lenço e recuaram, horrorizados: Henriqueta guardava dentro da ampôla de cristal a cabeça da amiga. Não negou a proeza; e entre lágrimas explicou:

(Continua na página 11)

O RAPTO DE GRETA GARBO



Uma vista geral de Hollywood
Lancaster Square, a artéria dos banqueiros cineastas
Chinese Theater onde se estreiam



Os grandes filmes que se produzem em Hollywood e que é frequentado por todos os "stars",
Ermite Central da alegria de Holly — parque de diversões, bars, restaurantes cabarets, etc.,
Palace Pacific Hotel, onde se hospedam os artistas antes de ganharem para os seus chalets



Nosso último artigo sobre a decadência de Hollywood, insinuamos que, entre todos os exófitos da destruição da capital do filme, o mais nefasto e o mais responsável era, sem dúvida, a imoralidade epidêmica que assaltara os seus habitantes de categoria. Hollywood, como todos os prodígios americanos, é, ou antes, foi um produto químico em que o «bluff» participava em 50 por cento. O grande «bluff» de Hollywood estava na auréola universal e fantástica que os técnicos do reclamo teciam à volta dos seus artistas. A Humanidade cinéfila via nesses «azes» do «ecran» super-homens ou mulheres aparentadas com as deusas do Olimpo, quando, afinal, o barro em que eram moldados era do mais vulgar, se não do mais frágil. Agravando essa debilidade veio a fortuna dos seus contratos proporcionar-lhes a satisfação de todos os caprichos, que em breve se tornaram em vícios. Durante muito tempo Hollywood conseguiu ocultar os seus pódres; mas mal se levantou a ponta do véu e que as intimidades se revelaram ao mundo, que desilusão para os adoradores e adoradoras das «estrélas» cinematográficas! Os super-homens e as deusas do Olimpo caíram dos altares e quebraram-se em mil-cacos.

Sim. Foram os escândalos a mais forte razão da decadência de Hollywood. E são tantos, que difícil é escolhê-los, seleccioná-los. Começemos por um, ao acaso... pelo Rapto de Greta Garbo.

A verdadeira história de Greta Garbo

É necessário, para melhor compreensão deste drama, apresentar Greta Garbo, não

como ela tem aparecido nas biografias-reclamos, nos programas de cinema, nas fantasias das revistas cinematográficas, mas sim como ela é na vida. Greta Garbo é sueca, filha de pais pobríssimos. A sua mocidade não podia ser mais modesta. O redactor do *Swenska*, Hans Whiter, que a conheceu, de pequena, em Estocolmo, contou-me, uma vez, em Paris, que a viu muitas vezes, de sapatos cambados e com um casaco que lhe prensava o corpiño miúdo, ir ao padeiro e ao merceeiro, porque a família não tinha creada para fazer as compras. Pouco tempo pôde estudar, fazendo apenas a instrução primária. Em-pregaram-na, aos 13 anos, como costureira. À noite, frequentava umas aulas gratuitas, onde aprendeu francês. Apaixonada pelo teatro, conseguia algumas «borlas», graças a um porteiro que era seu vizinho, e que a metia no «galinheiro» do Teatro Nacional. Aos 15 anos começou a sonhar com a arte, mas como não podia frequentar o Conservatório por causa do trabalho, recebia, umas noites por outras, lições gratuitas de um actor, que lhe prometeu fazer dela uma grande actriz. Foi essa a primeira desilusão de Greta Garbo. Esse actor era um velho sem escrúpulos, e logo à terceira lição faltou-lhe ao respeito, e ela esbofetou-o e recolheu a casa, chorando o seu sonho perdido. Um dos biógrafos de Greta diz que ela foi protegida por uma dama muito rica. É falso! O pai perdeu o emprêgo que tinha, e a mãe esfalfava-se dia e noite para o sustentar a ele e a uma ranchada de filhos. Greta, a mais velha — tinha 16 anos —, entrou como caixaieira de uma grande armazem, espécie de Grandela de Estocolmo. Era então uma mocinha insignificante, quasi feia, mal encarada, cis-

mática, distraída e duma magreza esquelética. Quantas vezes ela ia para o trabalho, às 7 horas, apenas com uma pequena chávena de café aguado, e só tornava a alimentar-se, à noite, ao regressar a casa, onde a esperava uma sopa e um pouco de pão. Crescia muito e os fatos eram antigos, o que provocava a troça cruel das colegas. «Greta — afirma uma sua amiga da juventude —, era a única rapariga do nosso grupo que nunca tivera um namoro nem quem lhe dirigisse um galanteio.» Existia então, em Estocolmo, uma empresa de reclamos cinematográficos, com a qual o armazem onde Greta estava, contratara um filme de publicidade. O director da empresa, antes de realizar essa película, visitou todas as dependências e escolheu as mais belas caixaieiras que deviam aparecer no reclamo. Greta alvoroçou-se, mas o director cinematográfico passou por ela sem a notar sequer. Greta ousou dirigir-se-lhe e pedir-lhe para entrar no filme. — «É tão feiázinha, coitada! — segredou o director para o seu ajudante. — Mas... faça-se-lhe a vontade.» Foi esse o primeiro filme em que Greta apareceu, e apareceu a vender gravatas ou peúgas...

A máquina de «prise-de-vues» possuiu fluidos magnéticos! A partir dessa hora, Greta só teve uma ideia: entrar para o cinema. Um dia conheceu uma rapariga que trabalhava, como comparsa, nos «studios» da *Swenska-Film*; Greta pediu-lhe para a apresentar. Mas a amiga tinha pouca influência na casa, de modo que Greta foi obrigada a faltar três vezes ao emprêgo antes de conseguir que a admittissem num filme em que ela fazia o papel de... mulher do povo numa cena em que entravam 300 figurantes e em que ela se perdia. Ga-

nhou o equivalente a 30 escudos, e sofreu, no dia seguinte, os ralhos do chefe do armazem. Na outra semana chamaram-na para ganhar novo «cachets» de comparsa, e ela, para poder filmar, tornou a faltar ao trabalho. Estas faltas repetiram-se ainda quatro vezes. À quinta era despedida. Não teve coragem de o confessar em casa. Levantava-se à hora do costume e ia logo para o «studio», na esperança de que, vendo-a, o «metteur-en-scène» lhe desse trabalho com

com mais frequência e ela pudesse, assim, reunir, no fim do mês, uma soma igual à que ganhava no armazem. Nova desilusão. O ordenado de caixaieira era de 30 corôas; o total dos seus «cachets» não atingia nem metade dessa quantia! Chorou! Um actor do «studio» viu-a chorar e apiedou-se dela. Foram essas lágrimas o segredo do seu triunfo, e, creio eu, a chave do paraíso do único amor de Greta. Greta, magra, insignificante, pobremente vestida, ouviu, pela primeira vez, palavras gentis... O actor que ela comovera interessou-se por Greta. Fez com que lhe dessem um papelito melhor, e, depois, um ordenado fixo. Amaram-se num idílio simples. Uma intriga de «studio» fez com que esse actor deixasse a *Swenska*, e Greta acompanhou-o a Constantinopla, onde um «metteur-en-scène» sueco ia realizar um filme dramático por conta do governo turco. Esse filme não chegou a fazer-se. Passaram então verdadeira miséria os três. No regresso para a Suécia, passaram por Berlim. Um realizador alemão, que viu uma película onde Greta se distinguira, propôs-lhe ficar. Foi o momento decisivo para Greta. Filmou a *Rua sem Sol*, e o mundo inteiro apaixonou-se por ela.

Hollywood viu-a de longe... Hollywood é avarenta, ambiciosa, vaidosa... Não pode consentir que as outras cidades possuam grandes artistas cinematográficas. Não descansou enquanto não seduziu Greta e enquanto Greta não se lhe entregou

As desventuras de Greta Garbo em Hollywood

Hollywood, primeiro, assustou-a. Ela estava habituada aos pequenos «studios» europeus. Os grandes «studios» americanos, vastos como cidades, apinhados de gente, entontecedores com as suas ruas chinesas e «boulevards» parisienses, salões e «cabarets» e palácios e teatros de cartão, apoucavam-na, não a deixavam trabalhar. Quando ela chegou, houve um movimento de curiosidade à sua volta. Os «azes» Tenórios preparavam-se todos para conquistá-la... e fazerem mais um casamento, seguido de mais um divórcio. As «estrélas» combinavam já várias pândegas, em que se exibissem com Greta pelo braço, para demonstrar que eram as suas amigas íntimas. Os realizadores e os chefes do reclamo... também tinham as suas esperanças. Mas Greta era muito diferente do que todos eles pensavam. Não cedia aos galanteios nem os acompanhava nas festas, nem... correspondia às esperanças acalentadas... Além

disso, pouco habituada à técnica americana e não conhecendo a língua inglesa, tinha dificuldade em executar o que lhe mandavam. Pouco a pouco criou-se um ambiente terrível à sua volta, feito de intrigas, calúnias e más-vontades. Que Greta não valia nada como artista; que era caprichosa, exigente, indisciplinada, histérica, malcriada... Os jornais de Hollywood diziam dela o pior possível, porque Greta não convidava os redactores aos seus «chás», porque não lisonjeava nem imitava as colegas na conquista da fama. Chegou mesmo a ser despedida, o contrato rescindido e multada em 50.000 dólares por se recusar a trabalhar...

Mas os seus primeiros filmes tinham dado a volta ao mundo — e produziam tais receitas que os directores da «Metro» a chamaram novamente, a acarinham e lhe aumentaram o ordenado. Esta vitória desesperou os seus inimigos e os seus maldizentes. E foi assim que nasceu a conjura que produziu o escândalo a que nos vamos referir...

A conjura e o escândalo

Greta começara, duas semanas antes, um novo filme. O trabalho fôra-lhe exaustivo que o realizador concedera-lhe dois dias de repouso, que ela aproveitou partindo para uma praia próximo de Hollywood. Ia sózinha, como de costume. Terminadas essas «minúsculas férias», o realizador voltou ao «studio». Eram 8 horas da manhã, e a cena estava já armada. Todos os artistas tinham acudido ao chamamento, todos menos Greta. O chefe, admirado, mandou um «chasseur» ao camarim da «estréla». Estava vazio. Mandaram um «auto» a casa de Greta. A creada, que ficara, comunicou que a ama não tinha regressado ainda da praia. Esperaram-na, impacientes, até ao meio dia. Em Hollywood, onde tudo é pago por muitos dólares, trabalham-se 12 horas por dia e não se perdôa uma falta de pontualidade! Daí o desespero do realizador! Ao meio dia recebeu-se uma carta de Greta, dizendo apenas que se encontrava ainda muito fatigada e que só daí a dois dias podia voltar ao «studio». Teria ela enlouquecido? O «metteur-en-scène» e o director da «Metro» foram de «auto» até à praia. No hotel onde ela se hospedava sempre, disseram-lhes que Greta saira na manhã do primeiro dia, para ir dar um passeio de barco, e que não voltara. Passaram mais dois dias, e uma nova carta de Greta apareceu, dizendo que estava doente, no hotel. Telefonaram para lá, e o gerente repetiu o que já dissera: que a célebre «vamp» não regressara ainda. Quem mentia? Houve uma suspeita... Relevaram as cartas e compararam-nas a outras anteriores: a letra não era a mesma. O alarme que esta descoberta produziu ficou limitado aos directores da «Metro», que denunciaram o caso à Polícia, pedindo-lhes todo o sigilo. A Polícia soube imediatamente que o barco onde Greta partira fôra encontrado, alto mar, sem ninguém dentro. Podia admitir-se a hipótese dum desastre, mas as duas falsas cartas desmentiam essa hipótese. Os detectives notaram a presença de uns indivíduos suspeitos no hotel da praia. Aproveitaram a sua ausência para lhes invadir os quartos. Numa mala encontraram um anel, que foi reconhecido como pertencente a Greta. Prenderam os cavalheiros e apertaram-nos com perguntas. Acabaram por confessar o seguinte: tinham visto Greta partir em barco; alugaram um «gasolina» e esperaram que se afastasse para a perseguirem; quando se julgaram fóra de qualquer testemunho, assaltaram-na e meteram-na no «gasolina», amarrada e amordaçada. O «gasolina» estivera no alto mar até ao anoitecer; depois, voltaram para terra, desembarcando num ponto deserto e confiando a guarda da artista a uma dama que possuía um «chalet» numa colina próxima. Esse «chalet» foi assaltado pela Polícia, Greta restituida à liberdade, mas a sua guarda tivera tempo de fugir.

Agora, pergunta-se: qual o motivo do rapto? «Chantage»? Roubo? Intenções inconfessáveis? Os raptos agiram por iniciativa própria ou sob ordem de outros? Eis o «clou» deste filme da vida real. O rapto foi organizado em conjura por uma «estréla» das mais brilhantes e por um «galã» dos mais populares. A «estréla» ardia em ciúmes, porque Greta conquistara uma situação superior à sua, e porque se esquivara sempre à sua intimidade; o galã, porque Greta o vexara — a ele, Tenório irresistível! —, negando-se às propostas que lhe dirigira e esbofetando-o quando tentara comprometê-la em público. O plano fôra bem urdido. Eles queriam que os directores da «Metro» tivessem a impressão de que ela era indisciplinada e que, como castigo, a substituissem pela sua rival. Contrataram então uns meliantes e pagaram-lhes por mil dólares a proeza do rapto. «Estréla» e galã foram presos, julgados e condenados a dois anos de prisão.

Apesar do dinheiro que a «Metro» gastou para abafar este escândalo, ele rebou ruinosamente, porque nem todos os jornalistas se deixam amordaçar. Mas não é o único escândalo de Hollywood. Existem muitos mais — e melhores.

R. F.



Greta Garbo

UMA REPÚBLICA DE HOMENS NUS EM PORTUGAL

A cultura física há vinte e cinco anos: Chinquillo, «Severas» e hortas — Uma família pacata de há vinte anos — Um escândalo na Rua Dona Estefânia — No país dos homens nus — Uma nova moral — Mulheres, homens e crianças, todos nus — O nudismo em Portugal — Os banhos de sol na freguesia — Uma república de homens nus

A ginástica, o «foot-ball», as corridas olímpicas eram, há vinte e cinco anos, em Lisboa, considerados maluqueiras de garotos, a que certos homens se entregavam impudicamente. As pessoas de juízo, os velhos, que só descobriam encantos na mocidade divertida que tiveram, achavam que o único desporto suportável — próprio de gente civilizada — era o chinquillo, jogado nas hortas, em tardes estivais, em mangas de camisa, lenço no pescoço suado e garganta sófrega, que o vinho das adegas não lograva aplacar. Um homem de barba na cara, casado ou para casar, que tivesse o descaramento de se apresentar em cuécas num campo de jogos, correndo desvairadamente atrás de um esférico, ou saltando barreiras e obstáculos, caía irremediavelmente no descrédito público. Se era empregado em casa comercial, o patrão não o tomava a sério e, temendo que ele se enganasse nas contas à força de pensar nas corridas, não lhe confiava nem a caixa do estabelecimento nem a escrita nos livros mestres. — «Um homem barbado que não pensa senão em pular não é homem, nem nada!» — exclamavam as pessoas sensatas. E, para contrastar, citavam o exemplo daqueles que, ao domingo, muito sossegados, se encafuavam na taberna, jogando as cartas e decilitrando e, à noite, um pouco cambaleantes, procuravam nas ruas escuras dos bairros suspeitos contractos imorais com Severas baratas, mas famosas. Numa tipóia desconjuntada, a borracha da pinga à mão direita e «cotte» à mão esquerda; numa taberna sórdida, mal frequentada, banza ao peito e olhos em alvo, isso sim, isso é que eram divertimentos! A ginástica? Era boa para palhaços.

E as raparigas!? Jesus! Se alguma ousava exprimir timidamente o desejo de jogar o inocente tennis ou, mesmo, depois das saias compridas, brincar ao «jará» ou à «cabra-cega», logo as mães, de olho severo através do *lorgnon*, gritavam...

— Menina, que dispauteiro!

A boa educação estava em reprimir todos os impulsos da natureza, em resistir à sedução dos campos onde apetece saltar e em esconder a epiderme muito branca e doentia do beijo violento do sol ou da carícia meiga da brisa.

Quem nos diria nesse tempo que Lisboa, esta tímida e enfermiza Lisboa, viria a cultivar o nudismo, o nudismo integral, absoluto, ao ar livre, em que machos e fêmeas, num impudor espiritualizado, quasi religioso, fazem em trajos paradisíacos uma vida honesta! Quem nos diria que vinte e



cinco anos bastariam para se operar uma mudança tão radical nos espíritos... e nos corpos!

Sim, amigos, há uma república de homens nus em Portugal.

Há mais de vinte anos que se pratica o nudismo em Lisboa. Mas um nudismo modesto, sem os espalhafatos de cartaz que a Alemanha usa, um nudismo de trazer por casa. Em 1911, conhecemos uma família muito simpática, constituída por quatro membros. Pai, homem dos seus quarenta anos, empregado superior de uma repartição pública, que fazia uma vida metódica, pacata. Saía todas as manhãs, pelas dez horas, e regressava pontualmente às cinco da tarde, no carro do Arco do Cego. A esposa, pouco mais ou menos da mesma idade, era gôrda, muito calada e metida comsigo, conservando as janelas herméticamente fechadas, quando à tarde, pela fresca, as vizinhas se entregavam com volúpia a longas sessões de má-lingua.

Este par tinha duas filhas, uma de 18 e outra de dezassete anos, ambas lindas; a mais velha, porém, deixava adivinhar sob os vestidos modestos uma plástica elegantíssima. Ambas seguiam o exemplo pacato dos pais, não se relacionando com as moças da sua idade, vivendo quasi sempre encerradas no segundo andar da Rua Dona Estefânia, como monjas em suas celas.

Pois um dia, a vizinhança, que espreitava aqueles quatro entes, como o caçador vigia as armadilhas, explodiu num grito de horror. No padeiro, no carvoeiro, no talho, não se falava noutra coisa. Parecia impossível, uma família que aparentava ser tão honesta! Que horror! Quem tudo descobrira fôra o moço do carvoeiro, um galego chegado havia pouco da terra, que tinha ido àquele segundo andar levar meia arrôba de carvão.

Encontrára a porta entreaberta, e julgando que o esperavam e podia entrar sem bater, enfiou pelo corredor, mas aos primeiros passos soltou um grito de assombro e deixou cair com grande estardalhaço a saca no chão; quasi esbarrára com as duas raparigas, que soltaram uma exclamação de pavor e fugiram gritando. Estavam nuas, completamente nuas!

E como o galego se quedasse aparalhado no meio do corredor, o empregado público, alarmado pelos gritos, surgiu, seguido da esposa — mas ambos nus. Esquecidos de que mostravam tudo quanto a na-

tureza lhes déra, investiram o moço e puseram-no aos empurrões no patamar.

Esta cena, contada no carvoeiro, irradiou como uma onda sonora pelas imediações, e nesse dia não havia cão, nem gato que não comentasse indignadamente o caso, bordando severos comentários sobre a moral daquela família, em que o pai não tinha pejo de se mostrar em trajos de Adão à frente das filhas. Começou depois a constatar que aquele metódico e cismático empregado público era um sensualão infame, que transformara a mulher e as duas filhas em odaliscas de harém. E as pequenas a fingirem-se tão ingénuas, as sabidas!

Afinal, o que a vizinhança de há vinte anos não compreendia é que o nudismo que essa gente percursora já praticava nesse tempo e em Portugal é uma teoria nova que a alastra, como alastra, transformará radicalmente a moral sexual, anulando preconceitos de pudor que tornam o pecado muito mais apetecido. Os nudistas afirmam com lógica que o nú — a verdade — é superiormente moral e belo, ao passo que o *deshabillé* da nossa civilização, deixando apenas adivinhar ou entrever formas apetecidas, torna os homens hipócritas e perversos.

Causou há pouco tempo grande escândalo e sensação em França um livro de reportagem realizada na Alemanha, por um jornalista francês. Chama-se o livro: *Au pays des hommes nus* (No país dos homens nus). As pessoas que lerem esse livro, ilustrado por gravuras de nus tão flagrantes que causariam a ruína dos fabricantes de postais obscenos, ficarão com esta sensação nítida: Está em formação uma humanidade mais sã de corpo, mais aprurada de estética, mais perfeita de moral.

Na Alemanha há recintos vedados, quintas com *chateaux* higiénicos, lagos de águas límpidas e transparentes, bosques de sombras frescas, apenas frequentados por nudistas durante largas temporadas. O banho de ar, de sol e de água são os grandes prazeres dos hóspedes desses recintos paradisíacos. Crianças de tenra idade, velhos alquebrados pelos anos, adolescentes, donzelas de seios virginais, todos saltam, pu-



Romances do Palácio de Cristal

(Continuação da página 7)

lam, nadam, jogam, na relva dos prados, nos campos de jogos, nas piscinas frescas, nas sombras do arvoredo, completamente nus, sem uma tanga hipócrita, entregues à volúpia de sorver o ar puro a plenos pulmões e de receber a carícia do ar e do sol na epiderme tostada, são, fina como sêda. Padres, professores, *instituídas*, escritores, empregados bancários, dactilógrafas, comerciantes, crianças das escolas, vivem e convivem harmonicamente nesses parques encantadores. O hábito de não occultarem, nem os defeitos nem as belezas físicas, cria-lhes pouco a pouco uma nova moral, toda feita de lealdade, toda norteadora por um superior ideal de beleza.

O próprio jornalista francês, em cuja reportagem aflora aqui e acolá uma ponta de ironia gaulesa, demolidora, não deixa de se mostrar influenciado pelo ambiente nudista em que viveu durante alguns dias. Pouco a pouco, o neófito vai habituando o olhar às chamadas escabrosidades do corpo humano; a presença, a princípio perturbante, de donzelas de corpos de ninfa acaba por se tornar agradável, não pela sedução perversa mas pelo sentimento de estética que no espírito se desenvolve. Admira-se um lindo corpo de mulher, mas não há nessa admiração um pensamento de ofensa, de brutal sensualidade. A alma purifica-se e, com ela, sob os benéficos raios solares, o corpo ganha em flexibilidade e em beleza.

Em Portugal, há nudismo? Há uns sete ou oito anos que ele se pratica no nosso país, mas a médio e só para homens... Nós, os portugueses, temos por costume, por educação fradesca que ainda influi sobre a nossa geração, o culto pela hipocrisia. O nudismo português tem sido só para o sexo forte. Ainda não houve um homem honesto que tivesse a coragem de levar a sua mulher completamente nua para um bosque ou uma praia, a conviver com outras mulheres e outros homens no mesmo estado primitivo de vestuário. O autor destas linhas já praticou e pratica ainda, sempre que umas curtas férias se lhe oferecem, o nudismo integral, mas, confessamos, no cerco férreo de preconceitos que mancham as mais blindadas honestidades, não ousáremos nunca instigar mulher nossa à prática do nudismo tal como existe na Alemanha. O descrédito público que um acto já banal em países mais adiantados nos acarretaria jámas nos compensaria dos benefícios obtidos pela adopção do nudismo.

Aqui próximo de Lisboa, na imensa praia de Caparica, faz-se nudismo.

Há obcecados, fanáticos, que há muitos anos, logo que o tempo começa a aquecer, vão, aos domingos de manhã, para a Caparica e lá se despem e não tornam a vestir-se senão quando a rosa vermelha do sol mergulha saudosamente no Atlântico. Tem havido pares, mulher e marido, que vivem oito e quinze dias uma vida de Adão e Eva no Paraíso, abrigando-se de noite numa barraca de lona, comendo refeições leves de vegetais, e banhando-se no oceano e repousando ao sol que os cresta.

Lentamente, a legião dos nudistas tem aumentado em Lisboa. Contam-se por muitas dezenas os cultores do ar livre que todos os domingos procuram o areal e a mata de Caparica. Alguns levam as famílias e, enquanto as senhoras e as crianças, em púlicos trajos de banho, ficam na orla da mata, gozando alternadamente as delícias da sombra e do sol, eles, numa alegria infantil, perdem-se no areal, cretam-se sob a carícia lodada.

Mas (a novidade veio parar à nossa re-

— «Eu não podia viver sem ela. Era preciso mitigar a minha dor com qualquer bálsamo. Os retratos não bastavam. Foi então que me lembrei da sua cabeça — da sua linda e doce cabeça loura... Assaltei o cemitério, virolei sózinha o coval, e trouxe para o meu quarto o que me faltava. Podem fazer de mim o que quiserem... Não tenho cúmplices e sei que pouco tempo poderei resistir a esta saúde.»

Era profético este desabafo. Henriqueta viveu poucos meses mais; mas o seu nome ficou na memória de todos os portugueses — e ainda hoje, quando querem referir-se a uma mulher extravagante, dizem: «Aquela parece irmã de Henriqueta...»

Bojerson, o ilusionista do Palácio de Cristal.

Quem folhear os jornais portugueses de 1880 a 1885, encontrará repetidos reclamos a um ilusionista, Bojerson, que, anos seguidos, atraiu verdadeiras multidões ao Palácio de Cristal. Bojerson aparece nesses anúncios tal como se apresentava em público: de guedelha frisada à barbeiro, bigodeira peluda, casaca constelada de condecorações, as calças a enroscarem-se sobre as botas, em espiral, e varinha profissional nas mãos ágeis de *fakir*. Bojerson era dinamarquês e conquistou tanta popularidade no Porto como Walter em Lisboa. Ora se o leitor folhear os jornais da época, encontrará, em certo domingo, o seguinte e pasmoso anúncio: «Palácio de Cristal.» Hoje! O mais sensacional espectáculo do famoso Bojerson! Pela primeira vez o célebre artista apresentará o mais extraordinário e arriscado número de ilusionismo que se viu até à data. Bojerson será fuzilado esta noite. Por gentil e especial licença do Ill.^{mo} Sr. Comandante da Guarda, doze soldados disparam as suas espingardas contra o peito de Bojerson, a uma distância de três metros. As armas serão carregadas e examinadas pelo Ex.^{mo} Sr. Capitão José Baptista. Como evitará Bojerson que as doze balas lhe atravessem o

dação em forma torpe de carta anónima escrita por um pseudo-defensor dos bons costumes) acaba de se formar um grupo rigorosamente nudista, à maneira alemã, constituído por homens, mulheres e crianças. Esse grupo estabeleceu-se numa quinta fechada da Trafaria, próximo de Caparica, onde já no ano passado fez os seus ensaios.

Portugal vai ter, portanto, a primeira república de homens nus. Estamos daqui vendo o rosto indignado de certos leitores — da velha-guarda — dizendo para as espô-

— Que torpeza! Homens, mulheres e crianças nus em promiscuidade!

Mas esses leitores indignados seriam os primeiros, se pudessem, a ir espreitar por uma nêga a quinta da *imoralidade*...

MÁRIO DOMINGUES

corpo? Mistério! Hoje, no «Palácio de Cristal»!

No número seguinte, nos mesmos jornais, lê-se a notícia do espectáculo do Palácio de Cristal, redigida nos seguintes termos: «O admirável ilusionista Bojerson, que o Porto tanto estima, foi ontem à noite vítima de um acidente de trabalho, quando executava o seu sensacional número de «Fuzilamento.» O estratagemma que o artista usa para evitar as balas que contra ele são disparadas não deu o resultado que Bojerson esperava — ficando ferido no ombro direito e ligeiramente na face do mesmo lado. Os ferimentos não são graves, mas impedem-no de trabalhar durante algum tempo.»

Este arriscado número de ilusionismo tem o seu romance — assim como os ferimentos de Bojerson occultam um gesto heróico. Bojerson tinha um grande amigo no nosso país — um amigo de sangue real, que o recebia nas *garçonnières* e que o sentava à sua mesa. Esse amigo sofria a tortura de um amor impossível. A mulher que ele amava estava tiranizada pelo pai, que a queria obrigar a casar com um velho brasileiro enriquecido. Os dois amantes apenas acalentavam uma ambição — a última que lhes restava: a de se verem, falarem e beijarem, antes que o Destino os separasse para sempre. Mas era inalcançável, porque a pequena vivia enclausurada na casa paterna. Bojerson veio em auxílio do seu nobre amigo e jurou-lhe que havia de conseguir o que cubiçava. Para isso eram precisas duas coisas: Primeiro, atrair o pai da pequena e o caduco noivo ao Palácio de Cristal. Para atingir este objectivo, inventara Bojerson um número que era irresistível e que obrigaria os dois velhos a trazerem a mocinha ao Palácio; esse número era o do «Fuzilamento», ao qual nenhum burguês do Porto faltou. Segundo, procurar, antes do grande número, outras sortes de ilusionismo que isolassem, por algum tempo, a pequena e lhe permitissem encontrar-se com o homem que ela amava. E assim foi. Os discípulos de Bojerson, industriados pelo artista, vieram à plateia fazer um jogo de biombos — em que a pobre escrava... foi escamoteada por alguns minutos. Os velhos protestaram — mas a massa do público fazia-os calar, aplaudindo Bojerson, que prolongara a sorte para que os amantes se beijassem à vontade...

Bojerson conseguiu resolver o problema amoroso ao seu grande amigo — mas pagou-o com o seu sangue... Inventara, à pressa, um jogo de espelhos que devia burlar a pontaria dos soldados e blindar-lhe o peito. Mas apesar do «truc» — era tão arriscado o número... que duas balas lhe acertaram. Heróico e simpático Bojerson!

REPORTER X

Reporter X
Vende-se em todas as boas
tabacarias.

O Tesouro de Vermoim

(Continuação da página 4)

com prudência, o negócio de tão *precioso tesouro* longe do país, para evitar intervenção do Estado ou a cubiça de usurpadores. Em Madrid foi tal a chacota que lhe fizeram que o padre fugiu e o tio de António Joaquim enlouqueceu.

Dá-se, porém, o caso, aliás natural, de que não foi apenas o padre de Barroso o único a ler a história de S. Cipriano. No século XVIII instalou-se e viveu em Vermoim uma comunidade de onze frades, de cujo superior descende a família T.... Qual a razão porque esses frades se desagregaram da sua ordem e vieram para Vermoim? Ignoro eu, e ignoram-no todas as pessoas com quem falei a este respeito. Foram morrendo os frades, uns atrás dos outros, até que apenas ficou o superior — entregue a misteriosos estudos. O actual sr. T... foi herdeiro da papelada desse frade; mas só depois dos quarenta anos tomou amor por essa velharia e começou a examiná-la. Coincidiu essa curiosidade com a má situação financeira da família em consequência do relativo esbanjamento e descuido do sr. T.... Súbito houve uma reviravolta na sorte, os crédores foram pagos, as terras dilatadas, e os filhos enviados ao estrangeiro para estudar. Detalhe curioso: ninguém atinou com a fonte dessa inesperada fortuna; e contudo ela não caiu dum jacto: começou a chover, aos poucos, para dentro dos bolsos do sr. T..., que marcara datas para liquidações e pagamentos — como se estivesse esperando prestações do Banqueiro Divino. Houve quem farejasse o segredo — mas a explicação era tão inverosímil, embora baseada em certas excursões que o sr. T... e os filhos empreenderam a Vermoim, que poucos nela acreditaram...

...Mas eis que aparecem em Famalicão os dois citados estrangeiros e que rebôa o conflito a que já me referi. O despeito lubrificava as línguas — e os estrangeiros enxovalhados soltaram certas insinuações. Pelos modos, os filhos do sr. T..., a meio de uma orgia académica em Lauzanne, onde estudam, descobriram a uns amigos o segredo da fortuna paterna. Esses amigos não mereciam tal confiança, visto que eram uns aventureiros internacionais. E tanto assim que vieram logo visitá-los... e intentar enriquecer pelo mesmo processo. Que processo era esse? Não posso afirmá-lo: mas está ligado a Vermoim e ao estudo que os onze frades do século XVIII fizeram sobre o tesouro do príncipe mouro.

REPORTER X

**VISADO PELA
COMISSÃO
DE CENSURA**

Detective X

e os grandes criminosos que passam por Lisboa



Por Lisboa, a caminho da América ou em direcção do centro da Europa, têm passado as figuras mais extraordinárias do crime e do mistério internacional.

É freqüente topar-se, a um recanto mais sombrio do salão de um grande hotel, a uma mesa isolada de «café», na «terrasse» de um casino, um indivíduo estranho, esquisito, suspeito.

Quem é? De onde vem? Para onde vai? Não se sabe nunca. É uma vida misteriosa que apetece desvendar, que excita o grande «reporter», que, muitas vezes, passa por nós, roça-nos ombro com ombro e perde-se na Europa. Herói de um grande crime? Animador de uma «escroquerie» formidável que vem a explodir longe, em qualquer cidade americana?

Desses mistérios desvendará o **Detective X**, o primeiro grande semanário de reportagens de crime, que o público aguarda com justificada ansiedade.

O boxeur falsificado

(Continuação da página 5)

contra B.; 500 pelos artigos contra C.; etc. — e continua tão remediado como eu o conheci, há 18 anos, na *Capital*; o «Nemo», 500 por esta campanha; 300 por aquela campanha; 100 por aquela outra; António Ferro, 300 por ter vendido Portugal a Pirandello; 100, por ter contrariado as declarações do, aliás meu grande amigo, Marcelino Domingo; 300, pelo livro de «Hollywood»; o Belo Redondo, 80 pelo ataque ao Augusto Gomes (dividiu metade comigo); 120 por esta campanha, 35 por aquela outra; Norberto de Araújo, duas chávénas pelo artigo sobre louças e 3 telas pela crítica à Exposição C....; e todos tão pobres como eu — passei a acreditar nos jornais como *News Red*... Ora *News Red*, no seu número do dia 18 do mês de Maio, só agora chegado às minhas mãos (endereço a quem o quiser pedir: Fleet Street, 43), diz o seguinte: «Grande escândalo entre «boxeurs». — No dia 4 do presente mês realizou-se, em Capetown, um «match» entre o búlgaro Ybranoff e o campeão sul-africano Jack O'Donald. Contra todas as perspectivas, foi aquele que venceu este, logo no primeiro «round». Mas, por denúncia, exigiu-se um exame médico às mãos do búlgaro, de que resultou provar-se que ele as sujeitava a um tratamento de injeções de «Vimth», ou seja uma inoculação maravilhosa, que as tornou artificialmente fortes como se fôsse calçadas com luvas de ferro. O escândalo foi enorme, e o campeão búlgaro foi preso e está processado. Consta-nos que vários «vencidos» deste «escroc» do «sport», entre os quais o italiano Tassino, vão processá-lo...»

A «escroquerie» no «sport» é a pior das «escroqueries». Mas ela existe, como estão vendo, Acantelem-se os entusiastas e os fanáticos.

REPORTER X

Visitem a Casa das Balanças, de ROMÃO & C.^a, Cruzes da Sé, 13-29, onde se encontram as mais perfeitas balanças, as mais sólidas, e que podem ser adquiridas por preços verdadeiramente acessíveis.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Morreu o coronel Lawrence

O «Fantasma Branco» da «Intelligence Service», depois de uma existência de fantásticas e estupendas aventuras, morreu de um desastre de aviação



Instigados por Lawrence, grupos suspeitos provocaram grandes desordens em Moscou



O coronel Lawrence

O «Intelligence Service», a formidável organização inglesa, que irradia de Londres para todo o mundo uma rede apertada e subterrânea de tentáculos que envolvem e manejam secretamente a política universal, acaba de perder o seu agente mais arrojado e activo.

A notícia da sua morte quasi passaria despercebida se não existisse quem soubesse que o nome banal do morto ocultava outro nome já célebre em todo o mundo. Os jornais britânicos noticiaram seccamente que o mecânico Shaw acabava de morrer de um desastre de aviação. Ora, o mecânico Shaw era simplesmente

o coronel Thomas Edward Lawrence, conhecido no Oriente pelo «Fantasma Branco».

Quem é o coronel Lawrence? A sua fama corre mundo. Portugal também conhece um pouco as suas aventuras, devido principalmente a algumas revelações feitas pelo Reporter X. Ainda há pouco tempo, após a proclamação da república em Espanha, o nosso correspondente em Barcelona teve razões para suspeitar da sua estadia naquela cidade, o que coincidia com distúrbios de origem misteriosa.

O coronel Lawrence não era um aventureiro vulgar. Entregava-se à sua profissão apaixonadamente, como um artista requintado. Fomentava desordens, desencadeava guerras, destronava reis, tudo por ambição de servir a alta política inglesa, orientada pela «Intelligence Service».

Thomas Edward Lawrence nasceu em 1885, numa herdade irlandesa. Após estudo de mediocre aproveitamento na Universidade de Oxford, partiu para a Síria em 1907 a fim de proceder a umas pesquisas ar-

queológicas. Encontrava-se, antes da Grande Guerra, no Egipto, onde se tinha estabelecido depois de ter estudado o caminho de ferro que os alemães estavam construindo na direcção de Bagdad.

Estala a guerra. Lawrence serve como tenente na secção política, trabalhando no Cairo no serviço cartográfico do exercito egipcio; depois, pouco a pouco, vai subindo de posto e, por fim, graças ao seu perfeito conhecimento dos indigenas e a despeito da rivalidade de certos companheiros de armas, torna-se o agente de ligação entre o seu chefe directo, o major Maxwell, e o rei de Hedjaz. Este novo posto faz d'ele o principal agente de informações britânicas na Síria. Em 1916, ele realiza em companhia de um outro inglês, Ronald Storrs, uma viagem de inquérito entre os rebeldes. Vestindo-se à maneira indigena, deixando crescer os cabelos e a barba, os dois intrépidos agentes secretos desembarcam em Djedabi, conseguindo penetrar no seio das tribus inimigas, levando durante algumas semanas vida de beduinos, observando os seus ritos religiosos e comendo as suas refeições repugnantes. Lawrence e o companheiro conseguem revoltar as tribus contra os alemães.

Lawrence, porém, não estava contente. Pretendia agir à sua vontade, e parte sozinho para longas viagens entre as tribus disidentes, destrói parcialmente a linha principal do caminho de ferro turco, indo de Damasco a Méca, faz descarrilar comboios de tropas e munições. Chega mesmo a capturar um destacamento turco de noventa soldados e três officiais. Inutiliza as linhas telefónicas e telegráficas.

Em reconhecimento dos seus serviços, a Inglaterra promove-o a coronel, põe-lhe no peito várias condecorações. Lawrence julga-se então uma força indispensável, a quem são permitidas todas as liberdades. Acalenta uma ambição deslumbradora: Sugere a seu chefe, o general Maude, criar vários reis: Abdallah, Hussein, Ali e Fayçal. A cada um dá elle um reino maior do que a França com a condição expressa de lhe obedecerem cegamente. Eram os reis, mas Lawrence era o imperador secreto e invisível a quem elles prestavam vassalagem.

Os trabalhos do corpo expedicionário francês na Síria inquietam-no, e entra em luta contra a França. Impele os beduinos contra Damasco e Beyruth, onde se encontram as tropas gaulesas, e subleva as tribus indigenas de Palmira. Esta acção não agrada à prudente Albion, que lhe ordena o regresso a Londres e, em 1922, dá-lhe o lugar de conselheiro secreto do Colonial Office.

A nostalgia das viagens e do Oriente le-

vam-no à Palestina, como aviador, sob o pseudónimo Ross, depois sob o nome de Shaw. Desaparece durante seis anos. Que teria elle feito durante esse longo espaço de tempo? Lawrence não era homem para conservar-se inactivo.

Supõe-se que a Rússia bolchevista foi devassada por elle durante esse tempo. Conseguiu ali viver sob o mais rigoroso anonimato. Esteve em Portugal por várias vezes. Quando o nosso país entrou na Grande Guerra esteve em Lisboa poucos dias, estudando a espionagem alemã, informando o «Intelligence Service» do plano da contra-espionagem dos aliados.

Depois dos seis anos de ausência, o «Fantasma Branco» reaparece no Afghanistan. O rei Amanullah, que estava seguindo uma política de franca aproximação da França, tem que defrontar-se com as suas manobras maquiavélicas. Lawrence fomenta uma revolução sangrenta que termina, como se sabe, pela fuga do monarca após uma luta encarniçada. O rei deposto, antes da luta se decidir em favor do inimigo, mandará afixar cartazes nas paredes de Kabul, prometendo uma soma fantástica a quem lhe levasse a cabeça do «Fantasma Branco». Mas Lawrence, que até entre os fieis do rei Amanullah tinha amigos, não foi sequer inquietado.

Em Fevereiro de 1929, depois destes estrondosos acontecimentos, que lançaram a perturbação na politica externa da Grã-Bretanha, o coronel Lawrence é, pela segunda vez, chamado a Londres. Numa sessão da Câmara dos Comuns, alguns deputados pediram que se lhe pusesse um freio no ardor. E um membro feminino do Parlamento perguntou, indignado:

— Quando se decidirá o coronel Lawrence a levar uma existência de homem honesto?

O misterioso agente desaparece mais uma vez. Julgam-no e em Plymouth. Quando o procuram encontram-no em Mossul, na Ásia.

Há quem o veja depois na fronteira turco-persa. E logo, por coincidência estranha, as tribus kurdas invadem a Turquia e dirigem-se igualmente para a ca-



Lawrence, segundo uma gravura inglesa.

(Continua na pag. 15)

COMO um bando de abutres sôbre os despojos pútridos de uma batalha, pairam sôbre a miséria angustiada de Lisboa os agiotes mais sórdidos. Evoca-se, com horror, as façanhas sangrentas dos vampiros que, impelidos por uma tafa-fal, matam, trucidam, esmagam, deixando no seu caminho o rastro sangrento das suas vítimas. Mas se fôsse possível arrancar da sombra, onde a miséria envergonhada se debate, abafando seus gritos, ocultando seus dramas e gemendo baixinho as suas aflições, todas as vítimas da usura, que subterraneamente suga e destrôça uma população inteira, verificaríamos que os verdadeiros, os autênticos vampiros são os agiotes.

Promover-lhes guerra, guerra sem tréguas, sem piedade — porque êles também não têm piedade de nós —, é cumprir um dever cívico, é ter a certeza de que se pratica um acto de benemerência, é proteger o cordeiro contra as investidas sanguinárias do lobo.

Várias espécies de agiotes

A agiotagem nasceu em velhos tempos. Já na Grécia existiam agiotes; e na Roma antiga havia ricaços que emprestavam dinheiro aos imperadores. Mas nunca como nos tempos modernos a raça maldita tanto proliferou. Há agiotes de todas as categorias sociais: comerciantes, mulheres domésticas, funcionários públicos e até magistrados. Sim, magistrados! Aqueles a quem está confiada a observância pura da lei, a defesa da moralidade e bons costumes, também se entregam ao torpe mistér de sorver à miséria o ouro que ela, gemendo, ainda pode dar, como a hiena suga da carne pôdre, que outros carnívoros abandonaram depois de babujada, o alimento que melhor lhe sabe.

Êles exercem a sua acção nefasta a coberto das subtilidades da lei, assistidos por advogados, porque os fartos proventos lhes dão margem para uma defesa hábil das suas infâmias. Quereis — leitor amigo — fazer uma ideia, embora ligeira, do bando imenso dessa espécie de abutres que dos

Os autênticos vampiros de Lisboa

Um bando sinistro de abutres —
Vãos planados sobre a miséria —
De trapeiro a capitalista — O disfarce das agencias comerciais —
Os generosos sentimentos de uma senhora...



tados!» Um dos disfarces mais frequentes é o das «agências.» Agência comercial, agência de comissões, etc.... Outro disfarce muito em uso: «o cartório de procurador». O procurador serve para tudo, mediante uma comissão, e oculta quasi sempre um capitalista que por seu intermédio coloca, com toda a segurança, dinheiro a 60, 70 e 80 por cento. Outros agiotes estabelecem a sua sede nas mesas dos cafés; estão, por esta forma, mais em contacto com a clientela e obtêm as vantagens inestimáveis de

avarento que finge uma pobreza de meter dô e, quando olhares indiscretos não o podem observar, mergulha as mãos, os braços arregaçados, numa volúpia clandestina, nas notas de Banco que guarda ciosamente, fechadas a sete chaves.

Quem o ouvir, não o leva prêso. Experimental fazer uma transacção com êle. O Neves é boa pessoa. Não costuma emprestar dinheiro, mas, como dávamos boas garantias, fazia-nos o grande favor, por simpatia, de emprestar dois contos ao módico juro de 40 por cento. Uma bagatela... Um ôvo por um real. Uma excepção que — dizia êle — estava fóra dos seus hábitos.

Este Neves leva uma vida miserável, sem a menor sombra de confortos, passando fome, para amealhar, para juntar, para ter o prazer de possuir uma fortuna imóvel e inútil fechada num baú.

Ah!, como certas almas de bandidos — que matam por fome ou por impulso alucinado — abrigam sentimentos bem mais generosos do que êste sórdido trapeiro!

Jovial e amigo da rapaziada

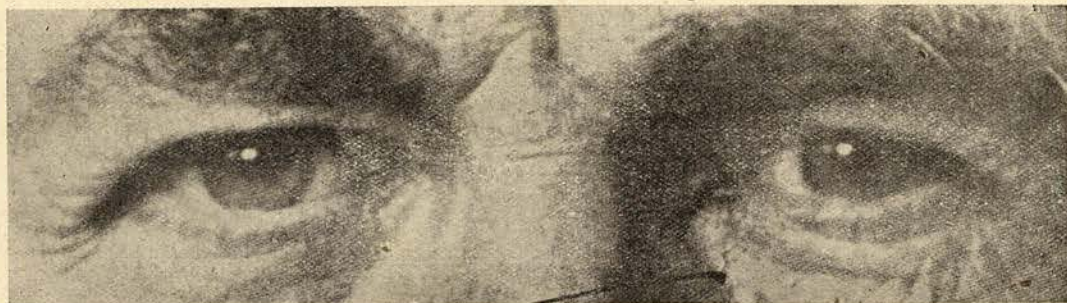
Teias a honra, prezados leitores, de vos apresentar um benemérito de outro género, um agiota muito conhecido — o Cunha da Rua da Prata. Este Cunha arma à jovialidade. Se o candidato a vítima é rapaz novo, canta-lhe uma ária cheia de ternura e complacência pelas loucuras da mocidade.

Ora, ora, se o Cunha não sabe o que são essas coisas! Ele também foi rapaz, também teve as suas loucuras. Rapaziadas... Rapaziadas... Enfim, «vai livrar-nos do apêto», como amigo, é claro. — «Verá que vai ficar meu cliente!»

Todo êle é falinhas mansas, salamaleques, delicadezas para nos dizer, em voz angelical, que nos empresta a... 60 por cento. Um achaço, um verdadeiro achaço...

Uma mulher com pêlos no coração

Este negócio é tão bom ou tão mau que chega para pagar a agentes, angariadores de empréstimos que se governam muito razoavelmente. Um dos agentes mais famo-



seusinhos ignóbeis espreitam a presa ingênua e fraca? Mandai estampar nos jornais de grande expansão um anúncio do seguinte teor:

Dois mil escudos, precisam-se a juro módico.

Chovem em vossa casa dezenas de cartas, escritas na mais maviosa linguagem, fazendo propostas horrorosas. Nós fizemos essa experiência, há meses, e o que apurámos, vamos tentar reproduzi-lo nesta reportagem.

Em regra, o agiota arranja sempre um disfarce para a sua repugnante profissão. Ele não é um agiota — é um benemérito. Chega a dizer-nos, compungido: «Se não fôssemos nós, o que seria dos pobres, coi-

não pagar renda de casa, nem contribuições. Nunca perdem o ensejo de ganhar dinheiro.

O trapeiro da Rua dos Fanqueiros

O agiota mais sórdido, mais repugnante, mais tipicamente agiota, é, sem a menor sombra de dúvida, um que vive numa água-furtada miserável da Rua dos Fanqueiros, 188. Chama-se José Neyes. E sabeis qual é a sua verdadeira profissão? Não, não é banqueiro, nem capitalista, nem alto funcionário aposentado. É trapeiro, um trapeiro que ainda cheira à imundície do trapo onde, com um gancho, pescou os primeiros capitais para emprestar a juros. Realiza o tipo perfeito do usurário, do

so é um tal sr. Silva — o «Silva das Colónias», porque é funcionário do Ministério das Colónias. A sua missão, é levar clientes à Agência Comercial, com sede na Rua de São Julião, 67, 3.º.

Qual é o comércio da Agência Comercial? Agiotagem. Empresta dinheiro ao módico juro de 80 por cento. A forma como o negocio se faz, pôde classificar-se de ratoeira. Desgraçado do que lá cá. Um pequeno descuido é bastante para lhe arrancarem a camisa e a pele. A clientela é formada quasi toda por empregados públicos, a pobreza envergonhada que tem que andar bem vestida, habitar em casa decente e sustentar, por vezes, numerosa família com seiscentos escudos por mês. Esta clientela

deixa na *Agência Comercial*, todos os meses, boa parte dos seus honorários. Dir-se-ia que o Estado vive para alimentar aquela sangue suga.

Quem se encontra à frente desta pitoresca agência comercial — o comércio das lágrimas das suas vítimas — não é cavalheiro de bigode feiço e olhar feroz, é uma senhora, uma senhora que, se não possui bigode e barba, deve ter, com certeza, pêlos no coração. Chama-se essa senhora (é bom que se citem os nomes para exaltar melhor tantas virtudes) Clotilde de São Maurício. Ela representa o espôso nos negócios da casa. Parece que o marido, melhor servido de sentimentos de generosidade, não pôde suportar, sem se comover, as súplicas dos clientes explorados cruelmente.

Nós, que nos habituámos à ideia de que na alma da mulher se acoitam todos os sentimentos de ternura, de piedade e de amor, ante esta agiota de coração empedernido, ante esta feroz sugadora da miséria humana, não podemos furtar-nos a um estremeamento de nojo e de revolta!

Será possível que não assome uma lágrima sentida aos olhos desta mulher, que assiste aos espectáculos emocionantes dos chefes de família que à sua usura recorrem para dar saúde a um filho doente, dos estudantes pobres que hipotecam a mesada, do comerciante à beira da falência que empenha a última garantia de êxito, da pobre mãe que empenha uma jóia para salvar um filho?

Esta D. Clotilde é um insulto à beleza sentimental que entroniza a mulher ante a nossa admiração de homens.

REPORTER MÁRIO

HOMENS E FACTOS DO DIA

(Continuação da página 3)

ilustres uns, menos ilustres outros, que têm marcado o seu posto, quer na crónica, quer no jornalismo errante. Para êsses, é muito justo o prémio. O nosso... — como diremos? — *desgosto* (seja *desgosto*) é precisamente que êsses profissionais, ou outros, fiquem prejudicados pelo reallejo dos pedantes que glosam sempre as mesmas idiotices sobre o mote copiado a papel químico de um artigo de Maurras ou dos Tarlufos-místicos que exigem 40:000 escudos para passearem no estrangeiro e massacrarem os leitores desprevenidos que caíam na cilada de ler as suas crónicas de viagem.

Morreu o coronel Lawrence

(Continuação da página 13)

pital persa. Os dois países chegam a um acôrdo para se apoderarem do instigador. Em Setembro de 1930, finalmente, apoderaram-se do maquiavélico agente. Há gritos de alegria, de vitória. O Oriente vai enfim vê-se livre do diabólico fomentador de revoltas, guerras e discórdias. Lawrence estava-lhes nas garras. Mas — decepção! — o coronel Lawrence capturado não é o Lawrence agente do «Intelligence Service». É outro Lawrence, que não tem senão o mesmo nome.

Decorrem meses. Descobre-se um *complot* contra Mustapha-Kemal Pacha, uma guerra santa ameaça estalar na Ásia Menor. Por detrás da questão Menemen aparece a sombra de Lawrence. Sempre Lawrence, no segrêdo de todos os distúrbios.

Até que há poucas semanas umas notícias banais de um desastre de aviação interrompem para sempre aquela actividade espantosa.

Mas o coronel Lawrence teria realmente morrido?

A FORTUNA POR ANÚNCIO

Dois cavalheiros que se entretêm a sugar dinheiro aos incautos com a promessa de ensiná-los a ganhar infalivelmente à roleta

AINDA dão que falar os mistérios, os segrêdos e as armadilhas de certos anúncios que aparecem nas últimas páginas dos grandes jornais. Há tempos apareceu um anúncio com este título irresistível: *50\$00 por dia ao fim de dois meses...* Alguém respondeu a este anúncio e esse alguém recebeu uma carta do anunciante explicando em que consistia o famoso negócio que poderia render cinquenta escudos diários. Escreve o anunciante:

Preciso do capital de 1.000\$00 (mil escudos) para um trabalho de jôgo que só eu executo, e por isso aceito de um a quatro sócios, entrando cada um com 250\$00. Cada sócio tem direito a receber a sua entrada no fim de sessenta dias e mais mil escudos além da sua entrada.

Durante os sessenta dias aprende a trabalhar e logo que receba os 1.000\$00 podia ir trabalhar, ganhando assim mais de 50\$00 diários. Não querendo trabalhar, por ter escrúpulo de ir a casinos, receberá por mês e por cada entrada de 250\$00, o dividendo de 500\$00, começando este dividendo a ser pago no fim do mês de Fevereiro de 1931 (a carta é datada de 26 de Novembro de 1930), pois receberá em 31 de Janeiro a sua 1.ª divisão de 1.000\$00. Desejando mais explicações dirigir-se hoje ou amanhã, 5.ª-feira, das 14 às 16, à Rua Moraes Soares, n.º 66, 1.º D., ou escrever dizendo hora certa em que pôde ser procurado.

Assina este precioso documento um indivíduo de nome Manuel Alexandre Lopes e sob a assinatura acresce um *post-scriptum* que não deixa de ser curioso transcrever:

Caso prefira ficar só como empregado, com ordenado fixo, pôde ficar como continuo do escritório com ordenado de 600\$00 a partir de 1 de Dezembro, mas terá que entrar com a quantia de 500\$00 que lhe ficará garantida.

Necessita esta carta de comentários para pôr em evidência o carácter da pessoa que a escreveu? Ou para o negócio da China

da batota ou para o lugar de contínuo que o Lopes oferece como isco, é sempre necessário confiarem-lhe dinheiro.

Quantos desgraçados, movidos pela ambição que cartas deste teor fazem germinar em cérebros incultos, terão caído nesta armadilha?

A Polícia, que se esfalta em perseguir os vigaristas vulgares que andam à caça dos que desembarcam, arriscando a sua liberdade, muito teria que fazer se se dedicasse a investigar as infâmias que se praticam por meio da gazúia dos anúncios.

Já que estamos com a mão na massa — a massa dos vigaristas por anúncio —, abordemos outro caso curioso. O cavalheiro em questão procede com mais cautela; não escreve nas cartas o nome por inteiro, nem revela a sua morada. Limita-se a rabisicar um nome: *A. Ribeiro* — e a pedir que lhe telefonem para o Norte 2166.

O *A. Ribeiro* diz numa carta, que temos em nosso poder, que se prontifica «a demonstrar gratuitamente como Vossa Senhoria, com 2.550\$00 ganhará 400\$00 diários.»

Trata-se — diz êle — de uma maneira científica de apontar à roleta, que demonstrará em sua casa e depois, praticamente, no Casino do Estoril, durante oito dias.

Este homem, que descobriu a maneira prática de ganhar à roleta, é um benemérito que não quer guardar o segrêdo só para si: deseja ensiná-lo aos seus semelhantes, para ruína dos *pobres banqueiros*, mediante uns cobres fartos. É assombrosa tanta generosidade!

Os leitores não querem experimentar a sorte? Telefonem para N. 2166 — número que corresponde ao nome de *Madame Andrade*, na Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, rés-do-chão.

Homens desta têmpera resolviam — se os deixassem — a crise de desemprego. Nunca mais haveria porres em Portugal.



NOVELA N.º 26

Quinta-feira, 30 de Julho de 1931



SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL DE ERNESTO DE BALMACEDA

LEIAM
